

# LEITURA, INTERPRETAÇÃO E COMPREENSÃO: UMA VISÃO PRAGMÁTICA

Carina Kilian<sup>1</sup>  
Onici Claro Flôres<sup>2</sup>

*RESUMO: Este trabalho enfoca a leitura, a interpretação e a compreensão a partir de uma visão pragmática, conforme a proposta de Marcelo Dascal (2006). Tem-se por objetivo principal discutir e analisar os fatores que interferem na realização do ato leitor, favorecendo ou dificultando a interpretação/compreensão textual. Almeja-se em vista disso 1) considerar alguns aportes teóricos, que circundam o estabelecimento de parâmetros interpretativos e compreensivos e 2) discutir as contribuições da proposta pragmática de Marcelo Dascal (2006), especialmente os capítulos 3, 4 e 9 da obra referida. Inicia-se o artigo conceituando leitura, interpretação e compreensão; após, abordam-se algumas propostas teóricas referentes ao tema; depois, discutem-se as contribuições dessas propostas para o entendimento do que vem a ser e do modo como se processa a compreensão; por fim, formulam-se as considerações finais. Concluindo, tem-se a acrescentar que a presente problematização teórica justifica-se por contribuir para a expansão das reflexões sobre o tema abordado.*

*PALAVRAS-CHAVE: Leitura. Interpretação. Compreensão. Pragmática.*

*ABSTRACT: This paper focuses on the reading, interpretation and understanding from a pragmatic view, as proposed by Marcelo Dascal (2006). It has as main objective to discuss and analyze the factors that influence the realization of the reader act, favoring or hindering the text interpretation /comprehension. It aims to 1) consider some theoretical frameworks that surround the establishment of interpretative and understanding parameters and 2) discuss the contributions of the pragmatic proposal of Marcelo Dascal (2006), especially chapters 3, 4 and 9 of the work referred to. The article is begun conceptualizing reading, interpretation and understanding, after discusses some theoretical proposals related to the topic, then discusses the contributions of these proposals to the understanding of what comes to be and how it processes the understanding; finally the final considerations are formulated. In conclusion, we have to add that the present theoretical problematization feels justified for contributing to the expansion of the reflections about the topic.*

*KEYWORDS: Reading. Interpretation. Understanding. Pragmatics.*

## 1. INTRODUÇÃO

A leitura é uma atividade cada vez mais presente na vida das pessoas, em sociedades letradas como a brasileira, por exemplo. Ela é um pré-requisito básico para a inserção no mundo atual, dada a grande exigência de acurácia leitora para atender as demandas de diferentes atividades organizacionais da sociedade. De outra parte, em sentido estrito, a leitura tem relação visceral com a escrita. A interdependência é inquestionável. Por isso mesmo é bom

---

<sup>1</sup> Aluna do Mestrado em Letras: Leitura e Cognição da Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC. Bolsista FAPERGS. E-mail: carinakilian1@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Professora doutor do Programa de Pós-graduação em Letras – Mestrado em Letras: Leitura e Cognição, da Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC. E-mail: oflores@unisc.br

relembrar que, em termos socioculturais, a necessidade de ler surgiu em decorrência da necessidade de registrar em algum tipo de suporte físico, e não apenas na lembrança das pessoas, dados socioeconômicos. Assim sendo, o binômio escrita/leitura mudou as relações sociais existentes, pois permitiu ao homem armazenar informações, funcionando, assim, como arquivo de memória.

Ler é, entretanto, uma atividade bastante complexa e, ao ser relacionada à interpretação e à compreensão, sobretudo em uma perspectiva pragmática, precisa levar em conta os fatores linguísticos, psicolinguísticos, cognitivos, semânticos, pragmáticos (contexto social, cultural e situacional), quando de sua efetivação. Neste estudo, parte-se, então, do resgate de informações básicas sobre as características genéticas naturais do homem, as quais lhe permitiram desenvolver habilidades bastante abstratas (como a leitura) com base nessa herança genético-cultural. Assim, primeiramente, far-se-á uma rememoração rápida de estudos sobre o sistema visual e sobre a linguagem em linhas gerais, tendo em vista que é importante situar-se em relação às vias de acesso à leitura para se traçar uma linha de abordagem congruente. Após, relacionar-se-á a leitura à construção de sentidos durante o seu desenvolvimento, principalmente, pelo viés da produção de inferências, visto serem as inferências essenciais à compreensão. Em seguida, serão analisados os conceitos de compreensão e de interpretação, no que se refere a seu manejo por parte do leitor/ouvinte, a partir da semântica e da pragmática, conforme capítulos 3 – Estratégias de compreensão, 4 – Duas modalidades de compreensão, e 9 – Modelos de interpretação, da obra “Interpretação e Compreensão”, de Marcelo Dascal (2006). Pretende-se, assim, fazer um percurso da atividade leitora abarcando suas etapas, sequencialmente. Por fim, far-se-ão algumas observações sobre a temática de modo amplo.

Busca-se com este estudo analisar os vários fatores que interferem na atividade leitora e que favorecem ou dificultam a interpretação e compreensão de um texto, a depender do modo como é feita a leitura. Além disso, como objetivos específicos, visa-se a examinar algumas das teorias que fundamentam a temática; definir alguns conceitos julgados relevantes para o estabelecimento

dos parâmetros interpretativos e compreensivos; e discutir as contribuições da proposta de Marcelo Dascal (2006).

De acordo com a perspectiva de análise assumida, a pesquisa se embasará nos seguintes autores: Tomasello (2003), Dehaene (2012), Dascal (2006), Koch (2004; 2009), Marcuschi (2008) e Dell'Isola (2011).

## **2. LEITURA: ALGUMAS DEFINIÇÕES**

### **2.1 A RELAÇÃO LINGUAGEM-LEITURA**

Não há como desvincular a leitura da linguagem, já que ler é, propriamente, uma das formas de linguagem. A leitura permite a interação entre autor/falante-texto-leitor/ouvinte. Nesse sentido, cabe lembrar que a linguagem é essencial para distinguir o homem dos outros animais. Além disso, o homem é o único primata que reconhece o seu semelhante como um ser intencional, tendo, portanto, uma intenção ao se comunicar. Nessa direção, a interação humana mediada pela linguagem seria uma herança biológico-cultural, sendo, pois, inata e, ao mesmo tempo, adquirida pelo homem (TOMASELLO, 2003).

A comunicação pode ser oral ou escrita e tem sempre o *texto* como objeto cultural promotor de interação. Assim, no que se refere ao texto escrito, não se pode deixar de relacionar a leitura à escrita e de estender esse vínculo ao processo de aprendizagem em que ambas estão envolvidas.

Como já comentado, o homem inventou a escrita para preservar suas memórias, decorrendo esse surgimento de atividades culturais como, por exemplo, o registro de leis e de transações comerciais. Tal fato demonstra que, embora o cérebro humano seja potente, tem seus limites. Assim, nas sociedades em que a escrita surgiu como um código composto por um dado número de letras, escrita alfabética, as letras representam os sons da fala e permitem formular, a partir de um número finito de letras e grafemas, infinitas palavras da língua, tendo cada uma delas o seu significado, o qual pode ser resgatado a qualquer momento pela leitura.

Portanto, para surgir a necessidade de ler, a sociedade de que se fala precisa ter desenvolvido um sistema de escrita, de modo que os falantes passem a reconhecer as letras, relacionando-as aos fonemas emitidos pelos falantes da língua, assimilando a relação fonema-grafema e, após, a rota inversa, relacionando o grafema ao fonema, codificando e decodificando e, por fim, interpretando/compreendendo. Isso parece muito simples, mas não é. Todo este conhecimento se constrói e se desenvolve no cérebro humano, o qual contém áreas cerebrais que desempenham funções específicas destinadas a cumprir cada atividade cognitiva envolvida, ao mesmo tempo em que permite que se formem redes neuronais que inter-relacionam áreas próximas ou distantes, vinculando-as, entre si (DEHAENE, 2012).

No processo da leitura, estão envolvidas duas áreas cerebrais: a da linguagem e a da visão. A área da linguagem localiza-se na parte occipito-temporal esquerda e, devido à plasticidade cerebral, o melhor momento para se aprender a ler é na infância. Nesse período, a leitura distribui-se em três fases: pictórica, fonológica e ortográfica. Além disso, a leitura exige que o indivíduo disponha de um sistema visual sadio para decodificar as letras (DEHAENE, 2012).

Além dos fatores de natureza biológica de que dispõe o organismo humano, mais precisamente, o cérebro humano, os quais possibilitam o ato de ler, é importante ressaltar outros aspectos de natureza cognitiva interligados à leitura, tais como a produção de inferências a partir do texto (objeto cultural) lido.

## 2.2 A CONSTRUÇÃO DOS SENTIDOS NA LEITURA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Quando se lê, constroem-se significados a partir do que é lido. É preciso atentar, além disso, para o fato de que nem tudo o que o autor quer dizer está escrito/dito no texto, o que põe em foco os processos inferenciais empregados pelo leitor/ouvinte, os quais derivam de seus conhecimentos prévios, enciclopédicos e de mundo, permeados pelo contexto sociocultural. Nesse sentido, o leitor/ouvinte extrapola o texto para poder interpretar os significados

ali presentes. Ele vai preenchendo os vazios do texto de acordo com suas experiências de leitura anteriores.

Assim, na leitura, estão envolvidos elementos linguísticos, como letras, sílabas, palavras, estruturas e proposições, bem como as expectativas do leitor, sua interpretação e compreensão. *A leitura é produzida à medida que o leitor interage com o texto* (DELL'ISOLA, 2011), ocasião em que o ato de ler torna-se uma inesgotável fonte de *produção de sentido que nunca é definitivo e completo* (MARCUSCHI, 2008, p.229).

Dell'Isola (2011, p. 44) define inferência como

uma operação mental em que o leitor constrói novas proposições a partir de outras já dadas. Não ocorre apenas quando o leitor estabelece elos lexicais, organiza redes conceituais no interior do texto, mas também quando o leitor busca, extratexto, informações e conhecimentos adquiridos pela experiência de vida, com os quais preenche os "vazios" textuais. O leitor traz para o texto um universo individual que interfere na sua leitura, uma vez que extrai inferências determinadas por contexto psicológico, social, cultural, situacional, dentre outros.

Para a construção de significados, colaboram elementos que constituem o conhecimento de mundo do leitor, os quais são armazenados na sua memória sob a forma de modelos cognitivos que permitem formular inferências. São eles: *frames*<sup>3</sup>, esquemas, planos<sup>4</sup>, *scripts*<sup>5</sup> e as superestruturas ou esquemas textuais. Os *frames* seriam uma espécie de rótulo aglutinador concernente a determinado acontecimento social, como, por exemplo, a comemoração de Natal. Ao evento, relacionam-se todos os elementos associados, como a missa (para os católicos), a ceia, a árvore natalina, os presentes, a reunião familiar etc. Os esquemas, por sua vez, seriam sequências de conhecimentos de ordem temporal ou causal, em outras palavras, a sequência de etapas requeridas para montar um aparelho ou para fazê-lo funcionar. Os planos, por seu turno, envolveriam planejar etapas ou estratégias para obter determinado objetivo, como, por exemplo, vencer um jogo. Os *scripts*, de sua parte, seriam modos ritualizados sobre como agir e sobre o que dizer em determinadas ocasiões. Já as superestruturas ou

---

<sup>3</sup> Em português, traduz-se 'cenas'.

<sup>4</sup> Alguns autores utilizam os nomes 'esquemas' e 'planos' em inglês - *schemas*, *plans*, como é o caso de Dell'Isola (2011).

<sup>5</sup> Em português, traduz-se 'roteiros'.

esquemas textuais decorreriam do conhecimento acumulado através da experiência leitora sobre como são organizados os textos, a partir do conhecimento de vários outros textos já lidos que auxiliam a interpretar e compreender o texto que se lê no momento (KOCH; TRAVAGLIA, 2009).

Para Dell'Isola (2011, p.50), *frames, schemas scripts e plans são estruturas cognitivas de expectativas que levam os indivíduos a organizar seus conhecimentos, segundo a experiência particular de cada um*. Tais modelos permitem a emergência de compreensões diferentes de um dado texto, com base nas distintas expectativas de cada leitor.

Para a autora,

ler é compreender, é interagir, é construir significado para o texto. Quando se invoca a natureza interativa do tratamento textual, é preciso ter em mente todos os tipos de conhecimento que o leitor utiliza durante a leitura – conhecimentos e crenças sobre o mundo, conhecimentos de diferentes tipos de texto, de sua organização e estrutura, conhecimentos lexicais, sintáticos, semânticos, discursivos e pragmáticos (DELL'ISOLA, 2011, p. 37).

De acordo com Dell'Isola (2011), na leitura, estão envolvidos os sistemas grafofônico, sintático e semântico, aos quais se acresce o pragmático, de modo constitutivo e não como pano de fundo. Portanto, pode-se afirmar que a leitura é muito mais do que o processo psicofísico de decodificar as sílabas das palavras, sendo, de fato, um elo entre os vários sistemas que constituem essa forma de comunicação. E, especificamente, no que se refere ao conhecimento semântico e pragmático, a partir deles são introduzidos elementos que abarcam uma série de outras peculiaridades sociais que envolvem a leitura, como a interpretação/compreensão, decorrentes de um contexto linguístico e extralinguístico.

### **3. UMA INTRODUÇÃO AOS CONCEITOS DE INTERPRETAÇÃO E COMPREENSÃO**

Interpretação e compreensão são conceitos de difícil definição, estando, no entanto, sempre presentes na interação comunicativa, seja ela oral ou escrita. Nesse sentido, para se tentar entender o que vem a ser compreensão,

é preciso levar em consideração os fatores relacionados ao autor e ao leitor. Da parte do autor, por exemplo, ele tem intenções, pretendeu dizer/escrever o que disse, da forma como disse e teve um porquê dizer o que disse. Da parte do leitor/ouvinte, são esperadas inferências sobre a produção do autor/falante. Dessa forma, *a compreensão não é um simples ato de identificação de informações, mas uma construção de sentidos com base em atividades inferenciais* (MARCUSCHI, 2008, p. 233).

Dessa forma, cabe destacar que a compreensão envolve esquemas cognitivos internalizados, o que exige muito mais do que externalizar linguisticamente o que se entendeu de determinado conteúdo, pois não há necessariamente simetria entre a compreensão e a produção da fala/escrita. Outrossim, a compreensão não é *uma ação apenas linguística ou cognitiva. É muito mais uma forma de inserção no mundo e um modo de agir sobre o mundo na relação com o outro dentro de uma cultura e uma sociedade* (MARCUSCHI, 2008, p. 230).

Dasal (2006), no capítulo 3 – Estratégias de compreensão, de sua obra “Interpretação e Compreensão”, ressalta que, para se formular uma teoria da compreensão, estariam envolvidos fatores pragmáticos e semânticos, sendo pragmática e semântica níveis analíticos interdependentes, pois sempre haverá produção de sentidos, quando do ato interativo. O autor vale-se de uma perspectiva fenomenológico/experiencial de análise para construir sua teoria, cuja noção-chave parte de um modelo de interpretação que ele chama de modelo pragmático.

Integram a análise pragmática o processo de referenciação, o contexto situacional e as intenções comunicativas. De acordo com Dasal (2006), o contexto envolvido pode ser metalinguístico ou extralinguístico, delimitando-se dessa forma um parâmetro mínimo de contexto, para se evitar interpretações circulares infinitas. Já na análise semântica, interferem os sentidos do texto produzidos conforme o contexto interacional.

Para Dasal (2006), a compreensão é um processo ou estado mais oculto do que explícito, por isso há muitos estudos empíricos que levantam sérias questões metodológicas acerca de sua definição. Além disso, o autor

aponta algumas estratégias necessárias à compreensão, quase todas contendo uma ou mais estruturas cognitivas.

Dentre as estratégias referidas, uma seria justamente a formulação linguística do que se entendeu acerca de determinado texto, isto é, a capacidade de *parafrasear*. Outra estratégia seria imaginar ou intuir o que poderia ser *relevante* para o entendimento de um dado texto. A partir da definição do que seria relevante, no caso de alguém não se lembrar do significado de certas palavras, entrariam em cena os dicionários, que são indispensáveis fontes de consulta. O autor propõe, ainda, a análise de exemplos da compreensão enquanto estratégia. Tais exemplos envolveriam os '*palpites*' através dos quais o leitor se acercaria da compreensão. Na ótica de Dascal (2006, p.79), *o ato de compreender algo é inseparável do ato de relacionar o que compreendemos a outras coisas*. Nessa perspectiva, considera como quarta estratégia as *associações* tanto paradigmáticas quanto sintagmáticas.

Dascal (2006) refere, ainda, a inferência como uma importante estratégia de compreensão, além da já citada identificação do significado de determinadas palavras. O autor lembra ademais que significar não é sinônimo de compreender, mas sim uma possibilidade de se chegar à compreensão.

Por outro lado, é importante para a compreensão levar em conta as intenções do autor/falante<sup>6</sup>, por isso Dascal (2006) critica a taxonomia de M. Scriven (1972) que não considerou esse aspecto (taxonomia proposta por Scriven: compreensão de um acontecimento, compreensão de uma teoria, compreensão de uma língua natural, compreensão de uma experiência, compreensão de uma entidade ou classe de entidades).

Muitos teóricos equiparam compreensão e significado, igualando-os, contudo esses conceitos não são sinônimos, afirma Dascal (2006), que propõe como estratégia compreensiva a reinterpretação, que seria usada tanto para a tese da equiparação entre compreensão e significado, de modo geral, quanto para uma possível teoria da compreensão, em particular.

---

<sup>6</sup> Ressalta-se que Dascal (2006) utiliza os termos *locutor*, *locução*, *interlocutor* e também *destinatário*; contudo, para manter certa uniformidade, neste estudo, foram utilizados os termos *autor/falante*, *texto* e *leitor/ouvinte*, podendo aparecer, também, *texto/elocução*.



Enfim, o autor comenta que uma teoria da compreensão deve levar em conta, no mínimo os seguintes aspectos: conhecimento da soma de experiência pessoal do falante e do ouvinte, suposições acerca do estado atual dos seus campos de percepção e atenção, máximas conversacionais, relações com as elocuições (ou textos) anteriores e posteriores, canais não verbais de comunicação, sistema social de regras, ao(s) qual(is) os participantes pertencem, cenário de cultura, etc. Além disso, de acordo com ele, os autores/falantes têm de saber os papéis sociais dos leitores/ouvintes, no que tange a suas necessidades, capacidades, obrigações e direitos, se eles têm ou não determinadas informações, se uma determinada ação é ou não necessária, se o interlocutor está disposto a executá-la etc.

No capítulo “Duas modalidades de compreensão”, Dascal (2006) afirma que a compreensão pode se classificada em duas modalidades: a *compreensão* e a *captação*. Uma e outra estão envolvidas nos atos comunicativos, nos quais não há mera causalidade nem transparência total, mas certa opacidade que lhes é inerente. Dessa forma, o autor considera importante o fato de o autor/falante e o leitor/ouvinte pertencerem à mesma comunidade linguística, dando particular destaque ao contexto circundante do ato comunicativo que destaca ser fator constitutivo.

Para o autor,

a não transparência é, portanto, a suposição-padrão, e não existe saída para escapar da necessidade de uma ‘interpretação-pragmática’ de um ato comunicativo. O que acontece, portanto, é que o dever do destinatário assemelha-se à solução de um problema com uma incógnita, cujo valor cabe a ele determinar. A determinação desse valor é o processo de ‘interpretação’ do ato comunicativo, que supostamente nos conduz à compreensão requerida.

A fala normalmente é utilizada para transmitir uma interpretação pragmática, e o sucesso na comunicação é medido pela capacidade de o destinatário alcançar essa interpretação. Isso, quando ocorre, é o que o termo ‘compreensão’ geralmente abrange. Observem que a compreensão é sempre uma compreensão pragmática (DASCAL, 2006, p.106).

Assim, interpretação implicaria compreensão. A interpretação pode ser feita de forma direta ou indireta, isto é, a interpretação seria direta quando o significado fosse idêntico ao do texto/elocução e indireta, quando não fosse igual. Dessa forma, no primeiro caso, a interpretação seria direcionada pelas

regras semântico-pragmáticas, havendo o endosso do significado da elocução pelo ouvinte. Já no segundo caso, a interpretação consistiria em descobrir, a partir de pistas contextuais, o significado do falante e em confiar no significado do texto/elocução como ponto de partida. Ao leitor/ouvinte caberia, então, inferir, fazer analogias, computar as implicaturas e descobrir o significado por si mesmo. Em suma, o leitor/ouvinte precisa compreender o sentido que as palavras adquirem no contexto do texto/elocução atual.

Para concluir, Dascal (2006) afirma que, no processo interpretativo, o leitor/ouvinte se depara com diversas incógnitas e cada uma delas se insere em determinada teoria. As questões referem-se a: *o que ele disse?* (semântica tradicional ou filosófica), *sobre o que ele estava falando? (frames)*, *por que se deu o trabalho de dizê-lo?* (atos de fala e lógica da conversação) e *por que o disse dessa forma?* (retórica).

Segundo Dascal (2006), quando se interage, criam-se muitas expectativas por parte dos participantes. Parece que há certa imposição de compreender o que o outro quis dizer, e quando as manifestações expressivas não são entendidas, ocorrem diversos tipos de mal-entendidos. Interferem nesse processo, sem dúvida, as diferentes expectativas presentes em cada estágio de uma relação interpessoal, dado que as pessoas ocupam papéis sociais diferentes em distintas situações e esses aspectos todos influenciam na qualidade e na quantidade dos requisitos da compreensão. Em decorrência, as expectativas de compreensão são associadas a cada papel assumido. Para o autor, com o compartilhamento social do valor conversacional, o leitor/ouvinte assume o dever de satisfazer à expectativa, isto é, ele tem o dever de compreender. Para o leitor, o que ele compreendeu é o que vale.

Em continuidade, a captação seria uma modalidade diferente de compreensão. Nos termos de Dascal (2006), implicaria a capacidade de detectar o não dito e, também, a capacidade de o leitor/ouvinte *determinar, com o máximo de precisão possível, o nível do 'dever de compreender' no qual o interlocutor está operando* (DASCAL, 2006, p. 110). Ou seja, nesse caso, o leitor satisfaria a expectativa do autor. Caso isso não ocorra, a captação resulta inadequada e podem ser gerados outros tantos mal-entendidos.

Dascal (2006) trata compreensão e captação como modalidades distintas, mas complementares, para a interpretação pragmática, na qual recursos verbais e não verbais conjugam-se para assegurar a captação e a compreensão, podendo ambas ser analisadas linguisticamente e correlacionadas às duas modalidades de compreensão.

No capítulo 9, “Modelos de interpretação”, Dascal (2006) afirma que o homem é um caçador de significados, propondo a complementaridade dos modelos de interpretação que explicita em sua obra: o criptográfico, o hermenêutico, o pragmático, o superpragmático e o causal de estrutura profunda.

Segundo ele, no modelo criptográfico, o significado está ali, no texto, subjacente, pronto a ser desentranhado, dependendo de inferências. O centro do processo interpretativo seria de ordem semântica, cujos sinais e regras determinariam o significado.

No modelo hermenêutico, o significado é uma construção a ser engendrada pelo leitor, através do processo interpretativo, a partir de sua bagagem cultural ou *background* desse leitor-intérprete privilegiado.

Na visão de Dascal (2006), esses dois modelos de interpretação negligenciam o papel do produtor do signo, ignorando-o. O modelo pragmático, pelo contrário, considera que o significado é produzido por um agente, cuja ação comunicativa é motivada por uma intenção. Esse é o modelo que Dascal (2006) propõe, destacando, para explicitar seu ponto de vista, que a ação comunicativa, qualquer que seja ela, só tem sucesso quando o leitor/ouvinte reconhece a intenção subjacente ao que é ouvido/lido. Em sua análise, Dascal (2006) comenta que o modelo pragmático, assim como o criptográfico, preconizam a suposição de que existem significados objetivos associados aos signos presentes no texto lido, tendo em vista a evolução das regras semânticas durante o desenvolvimento da linguagem. A diferença entre ambos os modelos, assegura ele, está na forma como avaliam o papel do significado literal. Ao contrário do modelo pragmático, o criptográfico leva em consideração a decodificação semântica. Já o modelo pragmático propõe que a interpretação jamais consiste na mera decodificação semântica, pois é inegável a influência do contexto na interpretação.

Quanto ao modelo superpragmático, o autor comenta que seus proponentes acreditam que *o intérprete consegue captar o significado do falante diretamente com base na informação contextual, sem a necessidade de considerar o significado semântico da elocução do falante* (DASCAL, 2006, p. 221), o que acaba por eliminar o texto enquanto objeto cultural. É como se ele pudesse ser transparente, dizendo apenas aquilo que seu leitor quer que diga.

O modelo pragmático, ao unir o significado semântico com as intenções do autor/falante, traz à tona outras variáveis ocultas no ato comunicativo, como as crenças, desejos e temores do falante. Assim, o leitor/ouvinte se envolve em uma atividade bastante complexa para a interpretação. A partir disso, alguns teóricos procuraram simplificar o processo, propondo uma interpretação radical, como a do modelo superpragmático, em que o intérprete começa do zero para tentar descobrir os valores das variáveis textuais, o que é muito questionável.

Na perspectiva de Dascal (2006, p. 227), *interpretar um ato comunicativo significa tentar determinar o motivo do agente ou o seu objetivo comunicativo, segundo a escolha de meios efetuada em seu ato*. Para o autor, o comportamento humano de forma geral e o comportamento comunicativo de forma particular estão enraizados em causas profundas, cujos agentes, em grande parte, não têm consciência. Assim, *uma interpretação verdadeira deve descobrir essas causas, pois o significado é visto como produto de uma interação de forças subjacentes que determinam a atividade humana* (DASCAL, 2006, p. 230). Nos modelos causais de estrutura profunda, as intenções e as razões, da mesma forma que os significados, são vistos como entidades derivadas.

Por fim, o autor propõe a união de todos esses modelos, considerando-os como complementares, embora tal complementaridade seja de difícil efetivação. Ele ressalta, ainda, que o modelo pragmático visa a preservar o homem, enquanto agente/sujeito responsável, livre e racional, que cria e é responsável por suas intenções.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Neste trabalho, discutiram-se questões referentes à leitura, retomando-se a ideia de que a habilidade de abstração deriva-se da bagagem genético-cultural humana, lembrando-se, também, o processamento cognitivo que envolve a construção de sentidos e a produção de inferências. Buscou-se, ainda, discorrer acerca da importância da relação entre semântica e pragmática para a compreensão e a interpretação, além de se considerar as diferentes estratégias para chegar à compreensão.

Assim, no que tange à compreensão e interpretação leitora, a conclusão é que a ciência que investiga a questão precisa ser empírica, fenomenológica, pois não há como separar o indivíduo humano, dotado de sua constituição biológica e social, dos fenômenos que o envolvem. Nesse sentido, é de fundamental importância discutir como as capacidades de abstração se desenvolvem na mente humana e quais suas implicações nas interações sociais. Tendo em vista que o contexto atual exige cada vez mais leitura e, em consequência interpretação e compreensão mais precisas e acuradas, o presente estudo contribui para lançar um olhar diferenciado sobre conceitos concernentes a esse tipo de interação social.

Pode-se considerar, então, que a produção de inferências, assim como os processos cognitivos e as estratégias de compreensão, conjuntamente, auxiliam de modo significativo na construção de sentidos do texto pelo leitor/ouvinte, permitindo-lhe preencher os vazios do texto de acordo com suas vivências e suas leituras anteriores.

## REFERÊNCIAS

DASCAL, Marcelo. **Interpretação e Compreensão**. São Leopoldo: Unisinos, 2006.

DEHAENE, Stanislas. **Os neurônios da leitura**: como a ciência explica nossa capacidade de ler. Tradução de Leonor Scliar-Cabral. Porto Alegre: Penso, 2012.

DELL'ISOLA, Regina Lúcia Péret. **Leitura**: inferências e contexto sociocultural. Belo Horizonte: Formato, 2011.

KOCH, Ingedore Villaça. **A inter-ação pela linguagem**. São Paulo: Contexto, 2004.

\_\_\_\_; TRAVAGLIA, L. C. **A coerência textual**. São Paulo: Contexto, 2009.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gênero e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

SCRIVEN, M. The concept of comprehension: From semantics to software. In.: CARROLL, J. B.; FREEDLE, R. O. (eds.). **Language Comprehension and the Acquisition of Knowledge**. Washington, DC: Winston and Sons, 1972, 31-39.

TOMASELLO, Michael. **Origens culturais da aquisição do conhecimento humano**. Tradução de Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2003.